

APOCALIPSE - A PEÇA

AUTOR: Dilmar Messias

Atos: 1, com vários esquetes

Número de personagens: 23 homens e 7 mulheres

Personagens:

Caim

Abel

Figura: aparição de Deus

Anjo

Jean Paul Marat - pugilista

Marques de Sade - juiz

Simone Évrard - segundo de Marat

Charlotte Corday - pugilista

Senhor de Tournelis - segundo de Charlotte

Personagem - chamariz de barraca de parque de diversões

Rosa Maria - esposa de Ataíde

Ataíde - marido de Rosa Maria

Mordomo

Duval - marido de Linda

Linda - esposa

Rodrigo - ator e marido de Carola

Carola - esposa

Homem

Guarda

Mulher

Assaltante

Aimos - habitante do planete Kandros

Solnac - idem Aimos

Relux - idem Aimos

Sedrul - idem Aimos

Acerac - idem Aimos

Dandruf - bandido, exilado de Kandros

Don Quixote

Sancho Pança

Número de páginas: 31

Número de exemplares: 1

Tema: Os esquetes giram em torno da morte, traição, miséria e injustiça.

Com carimbo da censura da PF e corte, censura: 16 anos

Obs: Montados os seguintes esquetes: Caim e Abel; Marat; Amor! Amor!;
Pequenos Assassinos; 2100 Apocalipse; O Cavaleiro da Triste Fama.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90020

PERSONAGENS

Handwritten notes:
1. 20. 11

- | | |
|-----------------|--------------|
| CAIM | AINOZ |
| ABEL | SOLRAC |
| OVELHAS | RELUX |
| FIGURA | SEDRUL |
| ANDOS | ACERAC |
| MARQUES DE SADE | DANDRUF |
| SIMONE | DOM QUIXOTE |
| CHARLOTE | SANCHO PANÇA |
| MARAT | |
| TOURNELIS | |
| PERSONAGEM | |
| ATAÍDE | |
| RESA MARIA | |
| MORDOMO | |
| DUVAL | |
| LINDA | |
| RODRIGO | |
| CAROLA | |
| GUARDA | |
| HOPEM | |
| ASSALTANTE | |

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

APOCALIPSE

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Porto Alegre, 1961
L.A. Atusereno



CENA I

CAIM E ABEL

UMA PAISAGEM BUCOLICA. O DIA NASCE. ABEL DORME AO LADO DE SUAS OVELHAS E
AGS PRIMEIROS RAIDS DE SOL, ACORDA-SE.

ABEL - Acordem! Vamos, minhas ovelhinhas, levantem-se. O sol já apaga as
gotas de orvalho e, vem trazendo sua energia que lhe foi dada por
Deus, para dar vida e luz às plantinhas, desde à frágil avenca /
ao mais espinhoso cardo. Vamos, minhas queridas ovelhinhas! Oh! Co
mo é bela a natureza e quão dadivoso é o homem, que nas graças de
Senhor cae. (ENTRA CAIM.) - Olá, Caim! Como estás? (CAIM REFOUSA
SUA ENXADA.)

CAIM - Como sempre, meu querido irmão, com a cabeça entre as orelhas.

ABEL - Oh! Oh! Oh! Como sois de genio alegre. É assim que se deve ser./
Lembra-te, nunca deves deixar descair o teu semblante, é como
quer o Senhor. Sejamos, pois, submissos, para conquistarmos o amor
que nossos pais perderam, por sua desenfreada discursão.

CAIM - Oh! Como sois discursivo e moralista! Achas que devemos trabalhar
para o Senhor, sem reservas. Mas não compartilho de tuas liberali
dades. O Senhor é poderoso, por que dever servi-lo como escravo?
Não! Não, o resultado de minha força de trabalho é meu.. Por acaso
o Senhor trabalha?

ABEL - Oh! Caim, não te rebeles jamais contra o Senhor. Se
de humilde e jamais o pecado te dominará. Tirais os frutos da Natu
reza. Sabes pelo menos, tu quem a criou? Quem é o Senhor da Terra
e do Céu? Quem deu vida às plantas? E quem deu asas aos pássares,
para que possam usufruir da liberdade dos céus? Vede, vede, como
voam pelo espaço! (OS DOIS OLHAM PARA O CÉU. CAIM LEVANTA A CABEÇA
DE CAIM.) E a quem devemos agradecer? Vamos, m



CAIM - Arre! Como sois frajola, meu irmão! Não devieis ocupar o teu tempo de lazer e recreação, com estas leituras. De nada te adiantará, ler a Bíblia. Pois quem seguir seus conselhos ficará sem bens materiais, e nos tempos de hoje é o que mais conta.

ABEL - Ah! se nossa mãe ^{CORTADO} estivesse viva? (DE PER SI) Estaria morta? Precisarai consultar mais uma vez a biblia. (PARA CAIM) Sabes que dia é hoje?

CAIM - Lógico!

ABEL - Então digas-me.

CAIM - Sim, dirte-lo-ei. Hoje é 15/07/57 A.C.

ABEL - Uh! Céus! Hoje é o dia das oferendas. Lembras? Ainda que tenes tempo para fazer nossas oferendas.

CAIM - Ora, Abel, ^{CORTADO} não te apresses. Quem podes te afirmar que assim como / nós esquecemos, Deus também não teria esquecido?

ABEL - Não, o Senhor jamais esquecerá. Pois lhe reservei uma surpresa. Darei a ele, uma das primissias do meu rebanho.

CAIM - Que susto! Pensei que lhe darias uma ^{CORTADO} ovelha.

ABEL - Sim, eu lhe darei uma ovelha. A melhor do meu rebanho.

CAIM - Que tal, se deixasses para que fizéssemos um churrasquinho? Não acredito que interesse ao Senhor uma carnezinha gorda. Ademais, não creio ^{CORTADO} haver carnezinha no céu.

ABEL - Mas também dá-la-ei.

CAIM - E o carvão e os espetos?

ABEL - Se o Senhor quiser... E tu, qual será a tua oferenda?

CAIM - Ora, pensei que faries a tua oferenda em ^{CORTADO} nosso nome.

ABEL - O Senhor certamente não ficaria contente.

CAIM - Eu? Sim.

ABEL - Não, eu falo de ^{CORTADO} Deus, Senhor. O que lhe oferecerás?

CAIM - É surpresa.

ABEL - Então, vamos?



CAIM - Vamos.

OS DOIS IRMÃOS DIRIGEM-SE AO FUNDO DO PALCO. SOBRE UMA NUVEM APARECE A FIGURA. OS DOIS ADDELHAM-SE. ABEL ESTÁ CERCADO POR SUAS OVELHAS, ENQUANTO / CAIM TRÁS ÀS MÃOS UM EMBRULHO DE PRESENTE.

CORTADO

FIGURA - Meus queridos fiéis. Aqui esteu, porque aqui sempre estive. Isto não requer truque nem magia, apenas unipresença. Se está com o Senhor e na paz dele, quem dá, porque é dando que recebemos. Agora peço que me digais onde estão os presentinhos, hein? Hein?

CORTADO

ABEL - Oh! Senhor Ramon Rá, (PARA O PÚBLICO) é assim que chamam o Senhor no Egito, eu li numa enciclopédia. (PARA A FIGURA) Trouxe aqui minha oferenda

CORTADO

FIGURA - Mas, é uma oferenda!

ABEL - Sim, a melhor de meu rebanho. (IRÔNICO) Não é Caim?

FIGURA - Bem se vê que amas ao teu Senhor. Depositas em meu altar, tua nobre petisco. Ofereces-me e eu retribuיר-te. (ABEL APRESSA-SE A LEVAR AO SENHOR A SUA OFERTA. O SENHOR PEDE / QUE O ANJO QUE O ACOMPANHA, AJUDE A ABEL), Vamos, ajude-o, meu anjo. (O ANJO LEVA O PRESENTE).

CORTADO

ABEL - (ADDELHANDO-SE) Muito obrigado, Senhor, pela oportunidade de poder servi-lo.

CORTADO

FIGURA - De nada. (DIRIGINDO-SE A CAIM) E tu, Caim, que me trazes?

CORTADO

CAIM - (ESTERDENDO-LHE O EMBRULHO) Aqui está o meu presentinho, simples porém, sincero.

FIGURA - (AO ANJO QUE RETORNA) Abra-o meu anjo.

ANJO - Abri-lo-ei. (ABRE E ESPANTA-SE) O embrulho está uma graça, mas o presentinho está pegando fogo. (MOSTRANDO AO SENHOR) Olhe-o.

CORTADO

FIGURA - Um nabo? É isto que ofereces ao teu Senhor? Esta é a medida de teu amor? Espelha-te em teu irmão, siga o exemplo, só assim conseguirá o amor de teu Senhor. Abel, bendigo a tua oferta. E a tua oferta, oh! Caim, eu rejeito! (AO ANJO) Vamos

CORTADO



anjo. (E A LUZEM DESAPARECE LEVANDO O SENHOR E O ANJO)

ABEL - Como me sinto feliz. O Senhor se agradou de minha oferta. (Olha para CAIM, QUE ESTÁ TRANSFIGURADO DE ÓDIO) Vejo meu irmão, / que está com o semblante descambado. Qual é o mal que te aflige.

CAIM - (RAIVOSO) Ora, deixa-me em paz. Bem sabes tu, da causa de meu descambado. Tu tentastes me humilhar, és o culpado de ele ter recusado minha oferta. Tu inflacaste as oferendas. Por isto, tens meu ódio.

ABEL - Não, eu não fiz mal nenhum. O Senhor o sabe. Não o indispus / consigo. Ao contrário, disse-te o que deveríeis fazer para ser digno de sua paz. Preste-lhe as homenagens que são devidas: Dízimo, premissas, obranças, assim, tu conquistarás o seu amor. Se não fizeres, conhecerá a sua cólera. (SAI)

CAIM - (ESGRAVEJANDO) Maldito sejas. Mas eu vingarei-me. (APARECE A FIGURA)

FIGURA - Caim, por que andas irado? Por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceite? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta, o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo. (AD ANJO) Vamos, meu anjo. (SABEM).

CENA II

ABEL ESTÁ SENTADO SOBRE A Rocha, TOCA UMA FLAUTA. CAIM SE APROXIMA, TENTA DISSIMULAR O SEU ÓDIO.

CAIM - Abel, vamos dar uma veltinha? Para olharmos a natureza?

ABEL - Mas eu estou tão bem aqui. E daqui se tem boa vista. Por que não te sentas, tu comigo e observa descansado?

CAIM - É que o movimento faz bem aos corpos e teremos uma visão maior dos domínios do Senhor.

ABEL - Irei contigo aonde quiseres. Tu és o meu irmão



- a mim, obedecer-te (OS DOIS SAEM. DIRIGEM-SE A UM LUGAR AFASTADO).

ABEL - Não sei porque caminhamos tanto. Aqui o céu é o mesmo e, o verde das ramagens tem o mesmo tom. Vou sentar-me um pouco. (CAIM DÁ MOSTRAS DO SEU ODIO).

CAIM - Abel, estás morto.

ABEL - Eu?

CAIM - Vingar-me-ei de ti.

ABEL - Mas, de que crime me acusas?

CAIM - Tu és um traider, um calhorda. Está provado.

ABEL - Não, não é verdade.

CAIM - Tu o negas.

ABEL - Jamais amei a traição e a calhordice.

CAIM - Mas as cometeste.

ABEL - Eu? Como?

CAIM - Saberás em breve.

ABEL - Me confundes. Não entendo o que estás falando.

CAIM - Ora, não te fazes de desentendido. Um dia provarei que foste um traider e calhorda.

ABEL - Jamais conseguirás prová-lo. O Senhor me ajudará.

CAIM - Vou matar-te.

ABEL - O Senhor saberá. Ele está toda a minha confiança.

CAIM - Contra mim ele não será pouco útil.

ABEL - Ele pode confundir-te.

CAIM - Não poderá evitar a tua morte.

ABEL - Deixo o meu destino nas mãos do Senhor.

CAIM - Queres saber porque vou matar-te?

ABEL - Pode dizer, se isso te satisfaz.

CAIM - Pois bem, dir-te-lo-ei. Tu és muito amigo do Senhor. Por tua causa ele recusou a tua oferta.

ABEL - Somos bons amigos, sim, e daí? Isto por acaso te incomoda? Se me



- matares, estarás cometendo um grande erro. O Senhor é verdadeiro
cuida bem de seus humildes servos.

CAIM - Irrai! Tu falas de más. Vou matar-te agora mesmo.

ABEL - Isso é uma ameaça.

CAIM - Não. (CAIM MATA ABEL COM UM GOLPE NA CABEÇA) (RETIRIA SEU CORPO PA-
RA FORA DE CENA. RETORNA, ESCONDE A ARMA DE CAIM E TENTA APAGAR
OS VESTÍGIOS. APARECE A FIGURA).

FIGURA - Caim, onde está teu irmão Abel?

CAIM - Não sei Senhor. Talvez tenha ido para casa, ou está no campo. Per
que devo sabe-lo? Não sou seu anjo da guarda.

FIGURA - Mentira. Tu o mataste. Seu sangue está na terra clamando vingança
Sua alma já se reuniu a mim, nos céus. És agora, um maldito e
a maldição não te deixará nunca. Não quero que sejas morto. Terás
a vida inteira para gramar o teu sofrimento. Se alguém te matar,
será vingado sete vezes.

CAIM - É tamanho o meu castigo, que já não tenho forças para suportá-lo.
Da tua presença hei de esconder-me. Ferei um fugitivo, um errante
pela terra. (CAI DE JOELHOS. A LUZ DESCE LENTAMENTE).

- PAIO -



6

O ASSASSINATO DE JEAN-PAUL MARAT

APRESENTADOR - Minhas senhoras e meus senhores. Aqui vereis mais um quadro importante de nossa História, que culminará com o assassinato de um homem. Aqui vereis, também, o homem galgar mais um degrau na sua trajetória. (COMO SE FOSSE UM APRESENTADOR DE LUTA) À minha esquerda, a meiga, a mística, a lídima representante da beleza e da elegância campesina, vinda diretamente dos conventos de Caen, até Paris, para este eletrizante pugna - a jovem Charlotte Corday. E como segundo da jovem Charlotte, o seu apaixonado, Senhor de Tounelis. À minha direita, deitado em sua banheira, ele, o campeoníssimo, violento, crítico, revelucionário - Jean-Paul Marat, como seu segundo, o fiel e submissa Simone Évrard. E como mediador desta contenda, este que vos fala o marquês de Sade. Segundos, fere!

(O MARQUÊS FAZ SINAL, TOCA O GONGO, O MARQUÊS DÁ INÍCIO À LUTA. CHARLOTE APROXIMA-SE DO CENTRO DO RINGUE. MARAT FAZ MENÇÃO DE LEVANTAR-SE DA BANHEIRA, BÔ QUE É IMPEDIDO POR SIMONE.)

SIMONE - (AO MARQUÊS) Ainda não. Espere um pouco. É preciso mitigar-lhe um pouco esta coceira. Um herói, herói não é, quando tem a dor do veneno.

MARQUÊS - Vamos logo. Não percamus tempo. De nada adianta tentar curá-lo agora. Ele vai morrer mesmo e assim, nem precisará de remédios.

CHARLOTE - Não quero a tua morte, Marat. Quero chegar perto de ti, apenas. Quero dizer-te muitas palavras e dar-te muitos golpes. Eu represento aqui o meu povo, eles esperam que alguma coisa eu faça. Mas, eu não quero a tua morte. (Deixa cair uma faca que trazia escondida. Simone e Marat olham. Si



6

O ASSASSINATO DE JEAN-PAUL MARAT

APRESENTADOR - Minhas senhoras e meus senhores. Aqui vereis mais um quadro importante de nossa História, que culminará com o assassinato de um homem. Aqui vereis, também, o homem galgar mais um degrau na sua trajetória. (COMO SE FOSSE UM APRESENTADOR DE LUTA) À minha esquerda, a meiga, a mística, a lídima representante da beleza e da elegância campesina, vinda diretamente dos conventos de Caen, até Paris, para esta eletrizante pugna - a jovem Charlotte Corday. E como segundo da jovem Charlotte, o seu apaixonado, Senhor de Tournellis. À minha direita, deitado em sua banheira, ele, o campeoníssimo, violento, crítico, revolucionário - Jean-Paul Marat, como seu segundo, a fiel e submissa Simone Évrard. E como mediador desta contenda, este que vos fala o marquês de Sade. Segundos, feral!

(O MARQUÊS FAZ SINAL, TOCA O GONGO, O MARQUÊS DÁ INÍCIO À LUTA. CHARLOTE APROXIMA-SE DO CENTRO DO RINGUE. MARAT FAZ MENÇÃO DE LEVANTAR-SE DA BANHEIRA, MÚ QUE É IMPEDIDO POR SIMONE.)

SIMONE - (AO MARQUÊS) Ainda não. Espere um pouco. É preciso mitigar-lhe um pouco esta coceira. Um herói, herói não é, quando tem a dor do veneno.

MARQUÊS - Vamos logo. Não percamus tempo. De nada adianta tentar curá-lo agora. Ele vai morrer mesmo e assim, nem precisará de remédios.

CHARLOTE - Não quero a tua morte, Marat. Quero chegar perto de ti, apenas. Quero dizer-te muitas palavras e dar-te muitos golpes. Eu represento aqui o meu povo, eles esperam que alguma coisa eu faça. Mas, eu não quero a tua morte. (Deixa cair uma faca que trazia escondida. Simone e Marat olham. Si



mona troca-lhe a bandagem. O marquês alcança a faca para Char-
lotte que torna a escondê-la.)

QUÊS - Vamos à luta, eu quero que comece logo. Agora o sangue é nes-
cestário.

ONE - Queres sangue? Aqui tens uma bannira cheia. O sangue das /
cnagas que Marat conseguiu pelos esgotes de Paris, quando
era perseguido, pelos que temiam suas idéias. É como matar
um homem. Ninguém é obrigado a seguir quem tem como arma a
sua pena. Mas milhares se juntaram a nós. Milhares viram nas
palavras de Marat o remédio para suas dores. Era o povo sem
ninguém por si. Vende nas idéias de Marat a redenção, vende
nas idéias de Marat uma distância enorme entre a sua reali-
dade de exaustão e submissão.

RAT - Tanno febre, muita febre. Esta coceira terrível queima e
abre feridas na minha pele.

ARLOTE - Deixa-me passar. (O MARQUÊS A IMPEDIR) Eu quero a liberdade dos
meus, que agora estão nas infectas celas de todas as prisões.
Eu preciso fazer alguma coisa. Vamos continuar logo a nessa
luta. O tempo urge. Pobre Marat, a tua infelicidade foi ter
sido eu a escolhida para encontrar-me contigo. Pobre Marat, a
tua vida está dentro desta banheira. Estás mergulhado no san-
gue Marat. A liberdade, Marat, está naufragando num mar de
sangue. A igualdade é ódio comum dividido em duas trinchei-
ras. E a fraternidade é apenas uma palavra. Continuemos logo
esta luta. (Toca o gongo, dando por finalizado o primeiro round
O marquês afasta-se para a beira do ringue e Charlotte volta
até o Sr. Journalis.)

URNELIS - Oh! Charlotte, esta luta não acaba. Temo por ti. Marat é es-
tucioso, é necessário muito cuidado.

RAT - Simone! Simone! Traga-me papel e minha pena. Quero escrever.
(SIMONE ALCANÇA-LHE A PENNA E ALGUNS PAPÉIS) Ah! Esta febre e
esta coceira que não passa. (O GONGO TOCA PELA



- INÍCIO AO 2º ROUND).

II ROUND

MARQUÊS DE SADE APARECE NO MEIO DO RINGUE. FOCO.

O PRINCIPIO DA VIDA É A MORTE

E esta morte consiste apenas de imaginação

Só nós a representamos

a natureza não a conhece.

Toda a morte, mesmo a mais cruel

é afogada pela indiferença absoluta da natureza.

Só nós, damos algum valor a nossa vida

e a natureza contemplaria silenciosa

e apodrecer de toda a nossa raça.

Detesto a natureza

quero sobrepujá-la,

quero batê-la com suas próprias armadilhas.

Nossa inquisição já não nos diverte, mesmo que tenhamos começado há pouco. Nesses assassinatos não tem arder, pois que pertencem ao cotidiano. Condenamos sem paixão, não há mais uma linda morte individual

diante de nós, somente uma morte anônima, sem valor, para a qual podemos enviar povos inteiros, após frio cálculo, até o instante de ces-

sar a vida. (A LUZ CAI LENTAMENTE E ABRE EM MARAT, SUZINHÔ EM SUA BANHEIRA).

MARAT - Consta, agora, que os trabalhadores poderão esperar para breve maiores salários. Porque está sendo esperada um aumento de produção, e o maior movimento, conseqüentemente que irá engrossar os bolsos dos empresários. Não penseis que será possível compartilhar de seus ganhos, sem violência. Não deixeis que vos enganem. Nossa revolução foi agora sufocada. E se vos dizem que as circunstancias agora melhoraram, mesmo que não veais as pri-



- vações foram disfarçadas, mesmo que ganheis dinheiro e que possais comprar algo, com aquilo que as indústrias vos pagam e vos pareça, que vósso bem estar está diante da porta, isto não é nada mais do que invenção daqueles que continuam tendo mais que vós. Não acrediteis neles, quando batem amavelmente sobre vossas costas e dizem que não vale mais falar em distinções, não havendo mais motivos para discussões, pois é neste momento que eles estão mais alte em seus novos fortes de mármore e de aço, de dentro dos quais saqueiam o mundo sob a alegação de que difundem a cultura.

CHARLOTE - Olha esta cidade, na qual as prisões estão cheias de nossos amigos. Eu estive com eles. Estão lá, apertados uns contra os outros, ouvindo pelos buracos os guardas falando das execuções. Fala-se agora, em pés de forno. Eles são procurados de acordo com as listas, listas que enquanto diminuem, aumentam, novamente, com as assinaturas dos carcereiros. Estive com eles e, esperamos a leitura de nosso nome.

Que cidade é essa, que ruas são essas? Quem sonhou com isto? Quem lucra com isso? Vi negociantes em todos os cantos, eles vendiam pequenas guilhotinas, com lâminas afiadas e bonecas cheias de líquido vermelho; que jorra dos pescoços, quando a sentença é executada. Que crianças são essas, que sabem manejar habilmente esses brinquedos, e quem profere as sentenças? Quem profere as sentenças? (TOCA O GONGO DANDO O FINAL DO 2º ROUND. A LUZ CAI).



III ROUND

SOA O GONGO DANDO INICIO AO TERCEIRO E ÚLTIMO ROUND. A LUZ ABRE EMSADE, QUE ESTÁ NO MEIO DO RINGUE.

MARQUÊS - Quando estive na prisão, durante treze anos, aprendi que este é um mundo de corpos e que cada corpo é cheio de terrível força e, que cada corpo só é martirizado por sua intranquilidade.

A CENA DO ASSASSINATO DE JEAN-PAUL MARAT ACONTECE EM DOIS PLANOS. NUDA E LENTAMENTE MARAT É APUNHALADO POR CHARLOTE E COMPÕE O QUADRO DE DAVID. A LUZ CAI, LENTAMENTE. SINFONIA. BG.)

AFOR ! AFOR !

CENA I

A FRENTE DE UMA BARRACA DE UM PARQUE DE DIVERSÕES. UMA PERSONAGEM MUITO ESQUISITA, COM UMA VOZ MAIS ARTIFICIAL, TENTA CHAMAR A ATENÇÃO DOS TRANSCURTOS PARA A PROGRAMAÇÃO DE SUA BARRACA.

PERSONAGEM - Vão comprando e vão entrando, é o que eu posso dizer para vocês. É barato, aliás, é um barato. Como é que é, seu Poli carpo, dá pra ser ou está difícil? Olha que o sr. vai se arrepender, depois eu não quero choro. Isto mesmo, vão comprando e vão entrando. Não tem sorteio não, é próprio para casados, solteiros e liberados. É aqui a Feira do Amor, mais conhecida como a Campanha de Popularização do Amor, é muito antiga e que até hoje não recebeu o dev



(RECOLHENDO OS INGRESSOS) Tá bom. Tá bom! Tá bom moçada. Devem estar curiosinhos, não é meus amiguinhos? Mas calma, vocês não vão ver nada que ainda não tenham visto. Eu sei, está cru e escasso, né? Querem, eu devolve os ingressos? Não? Mas não se iludam, tá? Tá bom. Tá bem. Vamos lá. Venham atrás de mim, mas não empurrem, tá? (SAI E ENTRA NA SUA BARRACA).

CENA II

Não dava jeito. É mesmo, não dava jeito. Ele saiu procurando, não se sabe o que. A barriga vazia, o sapato furado, sem vontade de um amigo, sem um lugar seu. Estava naquela de não querer ir embora e não querer ficar; não querer sentar, nem ficar de pé. Sem força para rir, nem para chorar; não querer dormir, nem ficar acordado. Que fazer? Nem sua roupa era sua roupa. Naquele momento ele era nada. Tinha uma festa na rua, tinha alegria. A alegria naquele tempo era alegria mesmo. Tinha que ser, era obrigado a ser, até a exatidão. Mas qual, nada o mexia. Então, num silêncio que se fez, pintou um violino, e no meio da rua nasceu uma flor. Os anjos crianças, dançaram e voaram sobre as cabeças dos que passavam e não se davam conta de nada. Um palhaço, rindo, falou do milagre do nascimento de uma flor e, se transformou numa borboleta, colheu a flor e foi morrer com ela no céu. Era isto que mexia, que alimentava naquele momento, amanhã, quem sabe? Era o que eu queria, dizia ele. Daí veio a mulher a linha da vida. Mal pisou naquele espaço e deu um estouro, como uma mágica. Ela se transformou numa abóbora, mas seus olhos ganharam o brilho de estrelas, cada um. Então a mulher e o homem, dançaram, voaram. Nasceram flores, cores e o escambau a quatro. Tinha até pássares. A mulher e o homem se deitaram na grama e se amaram, com um amor tão grande, que explodiram, no seu lugar ficaram duas pombas, que logo alçaram vôo. Então passa um guarda, vê aquele homem dormindo, aproxima-se dele e acordá-lo. O homem percebe que estava sonhando. Tinha sido um sonho.



tinha sido um sonho, mas tinha valido a pena. O homem beija o guarda, que fica surpreso, sai. (GG)

CENA III

Rosa Maria escuta a sua novela preferida, é uma mulher pálida. Mas ainda conserva sua beleza. Veste-se simplesmente, mas com uma certa elegancia, tipo figurino. A novela atinge seu climax. Rosa Maria tosse. A porta abre-se abruptamente. Ouve-se o prefixo musical da novela, apeteético. A porta está Ataíde, sua figura é grotesca, traz gravado em seu corpo as marcas de uma guerra fratricida, que afastou de Rosa Maria, durante / três intermináveis anos. Rosa Maria está atônita.

ROSA MARIA - Ataíde! !!

ATAÍDE - Rosa Maria!! (Os dois se abraçam)

ROSA MARIA - (Fala ao mesmo tempo) Oh! como era grande a saudade.

ATAÍDE - E minha única vontade era chegar logo.

ROSA MARIA - Parecia que o tempo tinha parado.

ATAÍDE - Eu só queria poder abraçar-te novamente.

ROSA MARIA - Eu não aguentava mais a espera, terrível.

ATAÍDE - Enfim, estamos novamente juntos. (Até aqui os dois falavam juntos. Num pequena pausa e Ataíde pergunta) E Andrézinho? (Rosa Maria emudece) Sim, o nosso filho que trazias no ventre, antes de minha partida para o "front". (Rosa Maria afasta-se, bruscamente) Não, não Rosa Maria, não me diga que Andrézinho...

ROSA MARIA - (Resignada) Sim, o Andrézinho não chegou a nascer. Eu perdi logo depois de sua partida. E perdi o meu controle emocional e com ele o Andrézinho.

ATAÍDE - Talvez tenha sido melhor assim. Pois seria triste para um filho, ver seu pai neste estado. Vítima de uma guerra cruel, um mutilado. Tendo parte de meu corpo servido de alimento aos chacais.



ROSA MARIA - Me perdões, meu amor, me perdoa. (Arroja-se à perna de Ataíde. Ataíde acaricia-lhe ^{com} a mão que sobrou. Tenta mudar de assunto.)

ATAÍDE - E tua mãe, onde está? Diga-me, eu quero abraçá-la. (Rosa Maria chora copiosamente) O que houve, vamos Rosamaria?

ROSA MARIA - Mamãe não resistiu à perda de papai, e seu coração baqueou. (Ataíde tira sua bandagem, e alcança para que Rosa Maria enxugue as lágrimas.)

ATAÍDE - Vamos, não há motivo para tanto, a vida continua. Assim caminha a humanidade. Nem tudo está perdido. (Tentando fazer graça) Afinal sobrou alguma coisa de mim... (Voltando ao sério.) O que interessa mesmo é que estamos juntos e que nos amamos.

ROSA MARIA - (Interrompendo) Mas nosso amor é impossível.

ATAÍDE - O que queres dizer com isto? Vamos, explique-se melhor.

ROSA MARIA - Mamãe, antes de morrer, me fez uma terrível revelação.

ATAÍDE - Que revelação é esta?

ROSA MARIA - Nós somos irmãos.

ATAÍDE - Como assim? O que mais disse ela?

ROSA MARIA - Nada. Expirei.

ATAÍDE - Mamãe! (Chorando) Mamãe! Mas não faz mal, devemos ser esperançosos. Agora temos mais um motivo para continuarmos juntos. (Rosa Maria tosse.)

ROSA MARIA - Não é possível.

ATAÍDE - Mas por que? Por que? (baixa-se com dificuldade, até Rosa Maria.)

ROSA MARIA - Nestes três anos, enquanto defendias a honra de nossa pátria, ferida pela mão cruel do inimigo, e pelo sofrimento que tive com a morte de meus entes queridos, contraí uma terrível e incurável doença. Eu só esperava por tua volta para compartilhar alguns breves momentos



de, para depois morrer, descansada. (Rosa Maria tem uma crise de tosse. Pressente que chega a sua hora. Antes de morrer, porém, consegue dizer algumas palavras.) Ataíde, perdoa-me se não fui fiel o tempo que estiveste na guerra. Mas tu foste o único homem que realmente amei. (O sangue bota-lhe nos lábios ela quer dizer alguma coisa. Mas Ataíde interrompe.)

ATAÍDE - Não, não precisa dizer mais nada. Não se esforce. (Rosa Maria morre.) Não, a vida não tem sentido, sem Rosa Maria. Eu não / conseguirei viver sem ela. Darei cabo de minha vida, pois perdeu todo o sentido. (Pega uma faca. Levanta com a intenção de suicidar-se. Para.) Não, agora, não. Vou escrever a nessa história e deixá-la gravada. Pode ser que sirva de exemplo para os jovens, algum dia. (Sai. B.O.)

CENA IV

Flashes, variações sobre o tema Amor. (A)

- 1º - Um homem beija uma mulher.
- 2º - Um homem abraça um amigo.
- 3º - Uma mulher abraça uma amiga.
- 4º - Um grupo de amigos.
- 5º - O grupo fala de amor.

(d)

- Ator 1 - De amor se vive...
- Ator 2 - O amor desconhecido.
- Ator 3 - Eu amo o que eu faço.
- Ator 4 - O ressentimento do sentimento.
- Ator 5 - Se morre de amor...
- Todos - Boa noite, amor.



PEQUENOS ASSASSINATOS

CENA I

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Ouve-se "Imagine" de Lennon, logo em seguida, um tiro parte o disco, fica apenas o ruído do disco partido, eu como se o disco estivesse no final. Rises, ruídos de festa. Luz. Uma recepção na mansão dos Gates. Estão reunidas várias personalidades. O jovem casal Duval Gate, rico herdeiro do milionário Water Gate e sua esposa, conversam neste instante com o conhecido ator gaúcho, Rodrigo Miranda e sua mulher, Carola. Entra o mordomo Watson.

MORDOMO - (Sylene) O senhor acabou!

DUVAL - Então me trás um mil folhas. Queres um também, querida?

LINDA - Pode trazer um prá mim também.

DUVAL - E vocês querem alguma coisa?

RODRIGO - Eu estou satisfeito.

CAROLA - Olha, eu aceitaria um pouco mais de refrigerante.

DUVAL - É como eu estava dizendo. Inveja muito a vida de vocês, acreditem. Uma vida de fantasia, o palco, os aplausos. Isto é fascinante.

LINDA - É, sem muitos compromissos. Desligada. Eu, inclusive, já coloquei o Arthurzinho numa escola de artes, eu quero que ele seja artista, quando crescer.

RODRIGO - Eu gosto muito de que eu faço. Se bem que não é bem assim, como todos imaginam.

CAROLA - (Realista) A gente se priva de um monte de coisas. Parece muito bonito, mas eu que vivo ao lado de Rodrigo, conhece muito bem os bastidores.

LINDA - Mas todos se emocionam, sabe? Eu acho que todos, de certa forma tem uma certa frustração de não serem artistas.

DUVAL - Perfeito, Linda, meu amor. É uma grande frustração.

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90020



Mas não é possível, entende. Os meus afazeres...muitos compromissos...eu não tenho tempo, as vezes não posso nem ler um jornal. Eu vivo envolvido com números.

CAROLA - Mas uns numerozinhos é que fazem falta para nós. É uma vida / muito inconstante, instável.

RODRIGO - Ora, Carola, não exageremos. O diabo não é tão feio como lhe pintam. As coisas parecem que vão melhorar, mudou o Secretário e a classe teatral está reunida novamente, para discutir os seus problemas. Devemos ser mais confiantes.

LINDA - Iste mesmo. Otimismo, queridinha. Otimismo.

DUVAL - Afinal, está na constituição. É dever do Estado, o fomento da Cultura.

LINDA - Na antiga ou nova Constituição?

DUVAL - (Confuso) Não, mas não mudou. É só uma. Eu acho...mas o que eu quero é que vocês tem muita sorte, porque não existe cidade ou Estado que não tenha, por humilde que seja, um órgão responsável em promover a Cultura.

CAROLA - Mas a maior parte é inoperante.

RODRIGO - O maior, ou um dos maiores problemas nesses é que o nesse campo é muito reduzido. E chega um ponto em que a gente não aguenta mais e tem que arrumar um emprego. Enquanto as televisões / trabalham somente com enlatados. E os publicitários na sua maioria, mandam buscar atores no Rio e em São Paulo, embora muitos sejam gaúchos.

LINDA - Mas problemas existem em todas as atividades.

DUVAL - Eu tenho dito ao meu analista. Como eu gostaria de jogar fora os meus carros, as minhas casas, todos os meus bens, enfim e me entregar de corpo e alma à arte. Infelizmente, eu não posso.

CAROLA - Eu só queria ter uma televisão a cores...

LINDA - Nós temos seis, mas infelizmente, nenhuma sobrando...

RODRIGO - É preciso lembrar que existem algumas coisas importantes a serem ditas. É preciso que se saiba que há outros



dos números. A nessa fome é uma certa forma de punição, ora im-
pingida pelo sistema e ora, por nós mesmos.

DUVAL - A miséria de vocês, as vezes nos causa pena.

CARLOTA - Mas se a gente compra uma televisão colorida, as pessoas fa-
zem piada. Eles querem que vocês morram de fome. E com a bar-
riga cheia, dizem: era um cara honesto! E tomam mais um gole
de Hi-fi a beira da piscina. (80 . Ouve-se Rodrigo recitar um
trecho de uma peça de teatro, como se estivesse ensaiando.)

CENA II

Casa de Rodrigo. Luz. Rodrigo ensaia, Carola Miranda, sua mulher, en-
tra e observa-o. Rodrigo percebe a sua presença e silencia.)

RODRIGO - O que é?

CAROLA - Olha Rodrigo, eu acho que não vai dar mais. Tu tens que dar
um jeito.

RODRIGO - Espera a gente estreiar, então...

CAROLA - Esperar, eu espero. Mas o dono do Supermercado, não; o homem
da imobiliária, também não.

RODRIGO - Mas agora eu não posso. Este trabalho é importante para mim.
De repente, aparece lá o cara da televisão, gosta e eu faço um
comercial ou qualquer outra coisa.

CAROLA - Mas não tem mais tempo para esperar! (Silencio)

RODRIGO - Está bem. Eu vou conseguir um emprego. (Cai a luz, lentamente.)

CENA III

Rodrigo caminha na rua. Ouve-se um grito, entra em cena um homem camba-
leante, esbarra em Rodrigo, cai no chão. Surprezo, Rodrigo não sabe o
que fazer. Tenta atender o homem. Grita por polícia. Entra um guarda.



RODRIGO - Seu guarda, este homem, eu não sei...

GUARDA : Seus documentos.

RODRIGO - Mas seu guarda, este homem...

GUARDA - Seus documentos. (Sem olhar para o homem que está deitado).

RODRIGO - Mas seu guarda, este homem está morto. (O guarda olha o documento ^{que} Rodrigo lhe alcança. Não responde. Devolve o documento a Rodrigo.) O senhor não vai fazer nada?

GUARDA - Vá embora.

RODRIGO - Mas seu guarda...

GUARDA - Vá embora. Anda, vá embora! (Rodrigo sai. O guarda olha o cadáver no chão e sai. Rodrigo dirige-se ao emprego. De repente

vê um homem agarrar uma mulher à força. Tenta interferir. Mas o homem parece não notar a sua presença. Rodrigo insiste. O homem lhe empurra, Rodrigo cai no chão. Depois, após algum tempo, levanta-se e arruma a sua roupa.)

HOMEM - (Com satisfação) Eu comi a mina! (O homem sai. Ficam Rodrigo e a mulher no chão. BD).

CENA IV

Sala de espera do Departamento Pessoal, de uma grande empresa. Rodrigo espera a sua vez de falar com o funcionário responsável pela seleção e admissão de novos funcionários. Rodrigo é chamado e entra na sala do homem. Ele entra; o homem está envolvido com suas fichas, nem o olha.)

HOMEM - Entra e sente. A sua carteira de trabalho, por favor. (Estende-lhe a mão. Rodrigo alcança a sua carteira. O homem olha.)

RODRIGO - Eu vim aqui por causa do anúncio...Quanto a experiência, pela característica do trabalho, acho que tenho condições de assimilar em pouco tempo.



- HOMEM - É artista, é? (Olha-o de alto a baixo.)
- RODRIGO - Era sim, fiz muitos trabalhos de teatro. Tenho até alguns prêmios.
- HOMEM - É, mas não estamos precisando de artistas. (Alcançando-lhe a carteira.)
- RODRIGO - Mas senhor, acho que vocês não podem se fechar assim. Eu posso aprender. O sr. não viu na minha carteira? Eu já trabalhei num escritório de contabilidade.
- HOMEM - Só que eu não vejo nenhuma ligação entre contabilidade e teatro.
- RODRIGO - Eu só queria que o sr. entendesse. Eu preciso muito deste emprego.
- HOMEM - Todo mundo que vem aqui, precisa. Pois se não precisasse, não viria. (Pausa) O sr. ainda faz teatro?
- RODRIGO - Às vezes...
- HOMEM - E o dinheiro não dá?
- RODRIGO - Dá. Não, não, é muito pouco.
- HOMEM - E a economia! E a economia! No mínimo tu deves tomar café pela manhã, almoçar, andar de ônibus, jantar, trocar de roupa uma vez por dia.
- RODRIGO - Sim, mas...
- HOMEM - Pense primeiro em poupar. Depois nas outras coisas, assim terás dinheiro suficiente para tudo.
- RODRIGO - E o emprego?
- HOMEM - A vaga já foi ocupada. (Rodrigo levanta-se abatido.) Ah, tem outra coisa. Não se esqueça também de produzir mais. :

CENA V

Rodrigo vai até uma praça, senta-se num banco.

ASSALTANTE - (Entrando, após esgueirar-se.) Isto é um assalto. Vamos, sem



brinquedo. Passa tudo. Olha que eu estou armado.

RODRIGO - O sr. é que é feliz, tem uma arma. E eu que não tenho mais nada.

ASSALTANTE - (Olhando com pena). Então toma a minha.

RODRIGO - (Pegando, atônito) Mas por que?

ASSALTANTE - Fazia um tempo que não falavam comigo com tanta sinceridade. (Assaltante sai.)

RODRIGO - (Com a arma, brincando. Começam a passar pessoas e a olhá-lo com interesse, muitas exclamações. De repente ele passa a ser uma atração no meio da praça. As pessoas chegam para fazer perguntas, sobre marca, etc.. De repente, numa das brincadeiras de Rodrigo, dispara o revólver e atinge uma pessoa. Todos se assustam. Mas ao constatarem o acontecido, aproximam-se de Rodrigo, pedindo-lhe autógrafa. Saem todos, ficando apenas Rodrigo e o atingido. A luz cai lentamente sobre Rodrigo, que está atônito.

2100 - APOCALIPSE

Em alguma sala do planeta Kandroz, Ainoz e Solrac conversam.

AINOZ - Dirija-me a você, Solrac F.43.69 na frequência 2, que significa: entabellar um colóquio.

SOLRAC - Registrado. Pode falar, Ainoz M. 7.465

AINOZ - Felizmente passamos no teste de QIômetro. A máquina realmente é interessante.

SOLRAC - Pena que cada vez que alguém é admitido aqui no planeta Kandroz ela escangalha.

AINOZ - Consta nos meus registros que Relux HF³, que no dialeto Kadroziano quer dizer :-grande chefe.- escangalhou



zes antes de o pulverizar, devido ao seu altíssimo QI. -23-

SOLRAC - Mas passemos para a frequência 6, que no dialeto deste planeta, quer dizer: frequência nobre. Coloquemos o cartão para sermos introduzidos na sala do grande chefe.

AINOZ - Então desligo a frequência 2. Não esqueça Solrac, de colocar o seu cartão, nos já aprovados. (Ainoz e Solrac colocam seus cartões. A luz levanta sobre a figura de Relux. Os dois aproximam-se e apresentam-se a Relux HF³, que está acompanhado de seu acessório Sedrul E.

RELUX - (Solene) Sejam bem-vindos, senhores, à sala branca do planeta Kadroz. Como vocês sabem, este planeta é o cérebro do sistema starexiano. Para cá são mandados seus principais cientistas. Daqui partem todas as invenções e as soluções para os problemas starexianos. Antigamente, quando o homem não passava de um animal emocional. Ninguém acreditava nas maravilhas que a nossa civilização traria a luz. Livres das emoções primárias, dedicamos o nosso tempo e energia em aperfeiçoar ainda a nossa civilização. (Quebrando) É por isto que eu amo este planeta! (Recompondo) Mas apenas uma coisa não conseguimos: acabar com os inimigos, os redixianos, que tentam de todas as formas por fim à nossa civilização.

SEDRUL - Dirija-me ao grande chefe na frequência 3, que significa: com todo o respeito. Meu censor de lembranças portátil, diz que convém lembrar aos novos kadrozianos, de Dandruf §4 F 1.33 - o traidor.

RELUX - Sim, Sedrul, peça que desligue o seu censor de lembranças portátil, quando conversa comigo, porque eu também tenho um. Mas como Sedrul falou, Dandruf § 4 F1.33 é o nosso arquinimigo. Ele candidatou-se a ser um Kadroziano, mas o QIômetro marcou apenas QI 150, e ele não foi admitido. Mais tarde descobrimos o nesse terrível erro, o QIômetro estava desligado. Mas já era tarde demais. É preciso, então, estarmos sempre com todos os nossos equipamentos em funcionamento, para não sermos surpreendidos o



-super-sônico alarma que liga via emúratel o pequeno planeta / Kadroz, ao Acerac ZI^o, Relux liga o botão da grande tela e recebe a imagem.) Este é o alarma da central starex na terra. Vamos ver o que está acontecendo.

ACERAC - (APARECENDO NA TELA) Aqui fala Acerac Z I^o, que no idioma oficial starexiano, significa o supra-sumo do grande-chefe. Interceptamos uma mensagem de Dandruf § 4 Fl.33, aos rednixianos, dizendo que ele preparava um golpe definitivo centre Kadroz, aniquilando desta forma, todo o sistema starexiano. Não pudemos escutar a mensagem até o fim, por falta de energia nuclear. Despeço-me na frequencia 10, que significa : até logo.

RELUX - Patife! Eu o odiaria, se fosse ainda um animal emocional. Mas não há porque se preocupar, ele jamais entrará aqui, nesses computadores o detectarão, seja sob qualquer disfarce. Mas Sedrul irá levá-los às suas celas e logo depois do seu repasto, voltem a ter comigo.

AINOZ - Antes de desligar a frequencia 6, gostaríamos eu e Solrac, de lhe (~~informar~~) fazer uma pergunta.

RELUX - Pois façam.

SOL/AIN-O que é a Lipse?

RELUX - A Lipse é um dos nossos grandes segredos. A nossa mais recente descoberta. A Lipse é a energia. Todo o indivíduo que tomar uma dose diária de Lipse, estará alimentado e imunizado de todo e qualquer mal. Mas infelizmente não estamos produzindo-a. Estamos na fase final de testes. Bom, então, até a nessa reunião de segurança. (Saem Ainoz e Solrac. Cai a luz.)

CENA II

Ainoz e Solrac, fazem à moda 2.100, amor. De repente ouvem soar o alarma geral, convocando para uma reunião de emergência, na sala do grande chefe. Ainoz e Solrac dirigem-se à ela, interrompendo,



de amor espacial. Reunem-se, Solrac, Aínoz e Sedrul, na sala de Relux.

RELUX - Os nossos computadores de segurança detectaram uma ameaça de perigo. Mas faltou-lhe dados para a definição desta ameaça. Agora, todos os planetas do sistema starexiano estão de prontidão, na tentativa de descobrir^a que ameaça referiam-se os computadores, e quem está por trás disto.

SEDRUL - Dandruf § 4 F 1.33, o traidor...

RELUX - Talvez, mas deixemos o trabalho aos nossos computadores. É necessário conservar a frieza, aliás é uma das nossas obrigações.

SOLRAC - Mas não há nada que possamos fazer?

RELUX - Vamos esperar o comunicado da nessa central na terra. (Soa o alarme.) Este alarme nos avisa, que daqui a segundos, estaremos ligados via embratel, com nessa central na terra. (Relux liga um botão e aparece na terra a imagem de Acerac Z I^a).

ACERAC - Este que vos fala é Acerac Z I^a, que no idioma oficial de starex quer dizer: - O supra- sumo de grande chefe. Dirigindo-se na / frequência 01, o que quer dizer: com todo o poder. Assim que o alarme de segurança dos computadores deste planeta, soarem, buscamos em nossos arquivos de ondas transmitidas e descobrimos uma mensagem de Dandruf §4 F1.33, dizendo que preparava-se para atacar o nosso sistema, numa operação que visaria assumir o poder.

TEATRO DE ARINA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

RELUX - Dandruf §4F1.33, eu sabia.

ACERAC - Descobrimos, também, que ele atacará principalmente este planeta, devido aos problemas passados, e principalmente pela sua / importância estratégica.

RELUX - Ele não conseguirá. Os nossos computadores não deixarão.

ACERAC - Lembre-se, Dandruf § 4F 1.33, é astucioso e mau, e conhece perfeitamente nosso sistema de defesa.

RELUX - Mas para tomar o poder de nosso sistema, antes ele tem que passar sobre meu campo de força.

ACERAC - Não podemos arriscar. Este planeta é o cérebro do sistema



e ao mesmo tempo, o nesse calcanhar de Aquiles. Sem o nesse cérebro ficaremos acéfalos e cairemos em suas mãos.

RELUX - Nós não permitiremos que isto aconteça.

ACERAC - É o que esperamos.

RELUX - Mais alguma coisa, sobre a mensagem?

ACERAC - Por falta de energia nuclear não podemos gravar a mensagem até o fim.

RELUX - Que maçada!

ACERAC - Bem, já não temos mais tempo. Precisamos agir. Deixe aqui o meu até breve e despeço-me com o meu prefixo musical. (A tela apaga-se.)

RELUX - Vamos reforçar as nossas defesas Sedruk, tente localizar, com as nossas longas ondas magnéticas, o paradeiro de Dandruf. (Sedruk mexe no painel.)

SEDRUL - Sim, grande chefe.

RELUX - Vocês, Solrac e Aínoz, verifiquem se os computadores de defesa estão em ordem. É importante passar na sala de memória e colocar a figura da argute Dandruf nas prioridades...

SEDRUL - Senhor, senhor! Ache que capturei algo.

RELUX - Se eu não fosse um homem controlado, teria levado um susto. Mas, vejamos. (Sedruk está na mesa, na tela algumas imagens nebulosas.)

RELUX - Dandruf, sua besta ao quadrado! Apareça. Vamos, seu crápula!

AINOZ - Deixe-me que te ajude, Sedruk.

SOLRAC - Não deixem que ele nos escape.

SEDRUL - Solrac, aumenta a carga das baterias de energia galáctica!

RELUX - Ataque! Quero dizer, vamos localize-o. (Ouve-se risadas. Os kadrozianos movimentam-se de uma máquina para outra. Suspense. Confusão. As risadas aumentam. Aparece na tela Dandruf §4 F 1.33) De que estás rindo?

DANDRUF - De esforço para me localizar. Bastava consultar o guia intergaláctico, e ligar para o meu foneimagem.

SEDRUL - Arre, como pude me esquecer.



- AINOZ - Por mil cometas!
- RELUX - Deixe de pilhérias, Dandruf e vamos ao que interessa. O que es tás tramando?
- DANDRUF - Ora, ora. Parece que o frio super chefe está com medo!
- SOLRAC - Que falta de respeito.
- RELUX - Eu não vou cair nas suas provocações. Vamos, diga logo o que queres.
- DANDRUF - Você que pulverizou o QIÔmetro, não sabe? Pois é simples. Eu quero o bastão do poder starexiano, e a chave dos depósitos de Lipse.
- RELUX - (Sardônico) Sé isto? Tu sabes que conseguir isto é impossível para qualquer ser vivo.
- DANDRUF - Mas para mim, não. Pois eu já o consegui.
- AINOZ - Como?
- SOLRAC - Explique-se melhor.
- DANDRUF - Dentro de 18 hs. 40' e 35'' o sistema starexiano deixará de existir.
- SEDRUL - Impossível!
- DANDRUF - Eu consegui introduzir em cada planeta do sistema starex, um membro do esquadrão da morte galáctico.
- AINOZ - Então há entre nós, um traíder?
- DANDRUF - Burlando o seu sistema de segurança, eles colocaram uma cápsula com um dispositivo eletrônico, contendo um micróbio denominado Tri-x-pan, que neste instante já está contaminando a todos os starexianos.
- RELUX - (A parte) Oh! Não é possível. Preciso fazer alguma coisa (Todos agitam-se. Sedrul cai. Tem espasmos, sangra.) Não se deixem abater, isto é psicológico.
- SOLRAC - Estamos perdidos. Se eu não fosse equilibrado, choraria.
- AINOZ - Por mil cometas, é o fim!
- RELUX - Está bem, Dandruf, está bem. Você venceu.
- DANDRUF - Mas eu, só eu posso salvar a sua civilização. Eu



doto de tri-x-pan.

RELUX - Então, diga.

DANDRUF - Só depois de receber o cetro de poder e a chave da Lipse.

RELUX - Não me resta outra coisa para salvar o meu povo, senão aceitar suas condições. O que tu queres?

AÍNOZ - Mas Relux, vais entregar a civilização starexiana, nas mãos deste bandido?

RELUX - (À parte) Será Ainoz o traidor? (Para Ainoz) Sim, não há mais nada a fazer.

DANDRUF - Está bem. Eu me transportarei, digo, teletransportarei até aí, em segundos.

RELUX - Solrac, desligue o refrator de vilões, para que Dandruf possa entrar em Kadroz.

SOLRAC - Sim, Relux. (Neste instante, materializa-se a figura de Dandruf. Na sala branca de Kadroz.)

DANDRUF - (Rindo) Eu não disse que voltaria? Chegou a hora da minha vitória.

AÍNOZ - (Adianta-se e tenta atingir Dandruf com sua arma de raios paralizantes.) Seu bandido... (Solrac, revelando-se o traidor, impede-a, utilizando o seu chaveiro gerador de confusões.)

RELUX - Então você é o traidor?

SOLRAC - Sim, sou eu.

DANDRUF - Agora, Solrac, teletransporte-se até Rednix e leve a boa nova. Agora não temos mais inimigos. Eles estão derrotados. (Pega o cetro de poder.) Com o cetro do poder, eu domine a civilização starexiana. E sou o novo dono da fórmula da Lipse. (Solrac sai).

RELUX - (Sentindo os efeitos do tri-x-pan) Agora Dandruf, diga-nos qual é o antídoto.

AÍNOZ - (Também sentindo os efeitos do tri-x-pan) Rápido, que seja tarde.



DANDRUF - Não há nenhum antídoto para este micróbio, Relux. (rindo) O seu reinado acabou. Vocês foram destruídos. (Ri) Agora eu vou me tele transportar de volta ao meu planeta, para comemorar. Eu só voltarei depois que tudo estiver acabado. (Sai).

RELUX - Espere, Dandruf! Você esqueceu um pequeno detalhe.

DANDRUF - Qual?

RELUX - Você e Solrac foram contaminados também. E agora Solrac já deve ter contaminado toda a sua civilização.

DANDRUF - Maçada! Como pude me esquecer disto. (Começa a sentir-se mal.) Já estou sentindo os primeiros sintomas do terrível micróbio.

AINOZ - (Caindo) Deve existir alguma maneira de salvar a nossa espécie por favor, façam alguma coisa.

DANDRUF - Só existe uma maneira.

RELUX - Qual?

DANDRUF - A salvação está aqui, neste planeta, é a Lipse.

RELUX - Mas...

DANDRUF - Com grandes doses de Lipse, podemos combater este terrível micróbio. Vamos, não percamos tempo. Vamos buscar a Lipse.

RELUX - Impossível, Dandruf, impossível. Estamos irremediavelmente perdidos.

DANDRUF - Mas por que?

RELUX - Porque há pouca Lipse. (Relux cai e logo em seguida, Dandruf. Por terem morrido todos, nada mais lógico do que a história terminar. BO.)



EPÍLOGO

O CAVALEIRO DA TRISTE FIGURA

Pancho está moribundo, sua barriga, que é o mundo, incha e está prestes a explodir. A morte ronda seu leito. Dom Quixote vela seu fiel escudeiro.

DOM QUIXOTE - Que magnífica é a aventura humana

Do início ao fim,

a luta,

a busca.

Tendo que destruir

os próprios fantasmas

que cria.

Superar,

e superar-se

Eis a razão. (Sancho geme)

Calma companheiro,

calma.

Existe um remédio,

na tua alma,

que mitiga a dor de tua

própria alma.

SANCHO

- Senhor,
dá-me água.

QUIXOTE

- (Estendendo-lhe uma caneca)
Isto passa,
tudo passa.
luta mais uma vez
não esmoreça.



Luta até
que tu ou a morte pereça.
Busca em ti a simples
que está ao teu lado
ao alcance da mão.

PANCHO - O senhor me diz que devo ter esperanças?

QUIXOTE - Não, eu te digo que deves
ajudar a construir a
esperança.

(A cena estatiza e a luz cai lentamente.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90020